

EPILEPSIA x EXERCÍCIO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

CAETANO, Gabriela¹; SANTANA, Helton Caixeta¹; TEIXEIRA, Dulcinéa Gonçalves (dulcinea@usp.br)²; FERREIRA, Célio Marcos dos Reis (cmdosrf@gmail.com)³

1. Graduandas do curso de Fisioterapia do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM – FACISA
2. Profa. Dra do Departamento de Anatomia Humana – UNIPAM – FACISA -
3. Prof. Dr. do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM – FACISA

Introdução e Objetivo: Acreditava-se que a realização de atividade física poderia desencadear crises de epilepsia ou piora no quadro da doença. Os indivíduos são freqüentemente desencorajados e muitas vezes excluídos da participação de programas de exercício físico. Hoje os portadores da referida patologia com suas crises controladas podem realizar exercícios físicos de qualquer natureza. As exceções são os esportes de altura (asa delta, alpinismo, montanhismo, pára-quedismo) e em ambientes aquáticos abertos (rios, lagos, mares) devido os riscos evidentes de se ter uma crise convulsiva nestas circunstâncias. Neste estudo visou-se analisar a produção científica voltada à interferência do exercício físico como aliado no tratamento da epilepsia.

Materiais e métodos: Foram utilizados os bancos de dados: Bireme, Lilacs, Pubmed, Scielo, abrangendo artigos de 2001 a 2007, relacionando epilepsia e exercício físico.

Resultados e discussão: Os achados mostraram que a atividade física pode atuar como terapia preventiva de doenças crônico-degenerativas no decorrer da vida, inclusive diminuindo os efeitos neurológicos e corporais relacionados ao aparecimento futuro da doença. Além disso, o exercício físico pode atuar também na diminuição do desencadeamento de crises, reduzindo seu número de apresentação e intensidade. É importante ressaltar que as crises epilépticas raramente ocorrem durante uma avaliação física, sendo presentes apenas em casos específicos. Outra nuance significativa de implicação do exercício físico e a manutenção da qualidade de vida do sujeito em seus aspectos emocionais, pois a referida patologia, por meio da continuidade de suas crises pode levar a instalação de um quadro depressivo.

Conclusão: O presente trabalho concluiu que a atuação profissional do fisioterapeuta deve-se voltar a unir estratégias ao educador físico no programa de ganho de força e resistência física de forma a conter o surgimento de alguma sintomatologia que poderia desencadear o desenvolvimento de uma crise patológica futura.

Palavras-chave: Epilepsia, Exercício.